

*ANIMATION CINEMA WORKSHOP:  
FROM MOTION TO EMOTION*

Catarina Calvinho Gil (NOVA-FCSH)

Robi Engler. Bloomington: Indiana University Press, 2015. 300 pp. ISBN: 9780861967209.

O livro em apreciação na presente recensão, *Animation Cinema Workshop: From Motion to Emotion*, da autoria de Robi Engler, foi publicado em 2015 com o principal intuito de guiar aspirantes a animadores no processo de concretização de um filme de animação. Desde a compreensão dos diferentes formatos utilizados—película, vídeo e digital—à animação propriamente dita, o autor, equipado com mais de quarenta décadas de experiência e contacto com esta arte, partilha uma série de conhecimentos técnicos, teóricos e práticos que no seu conjunto, como defende o próprio, integram um processo de constante aprendizagem (p. 9).

Robi Engler, licenciado pela Escola de Belas Artes na Suíça e estudante de animação na École Nationale Supérieure des Arts Decoratifs em Paris, fundou em 1975 o estúdio *Animagination* e estabeleceu-se como animador e realizador independente na Suíça. No longo percurso de proximidade com o cinema de animação poderá destacar-se a nomeação para o Festival de Annecy com o filme *Zoo-Zoom* (1994), no qual participou na qualidade de produtor, e o seu envolvimento no ensino da animação em várias escolas e universidades distribuídas pelo globo. A publicação do livro *Animation Cinema Workshop: From Motion to Emotion* veio consubstanciar os longos anos de experiência de Engler neste âmbito na forma de um manual técnico detalhado através do qual um vasto leque de regras, procedimentos e conceitos são explorados.

O manual, designemo-lo assim, é composto por doze capítulos e múltiplos subcapítulos dentro dos quais são abordadas as diversas etapas que compõem o processo de realização de um filme de animação. O autor procura ainda aprofundar cerca de vinte técnicas de animação, propondo para cada uma delas uma lista de ferramentas, material, equipamentos e o seu *modus operandi*. Sustentado por um discurso claro, objetivo e organização de tópicos irrepreensível, o manual oferece uma leitura clara e acessível, inclusive ao leitor que não tenha conhecimento na área. A forte componente pedagógica, direccionada essen-

cialmente aos mais jovens, poderá contribuir em grande medida nesse sentido. Com efeito, a excelente sistematização de tópicos e dissecação objetiva de metodologias constitui não só um sólido apoio a animadores como satisfaz propósitos quer de ensino quer de aprendizagem. Engler dinamiza ainda os conteúdos por si abordados através de propostas e desafios promotores de uma postura ativa com vista ao domínio da prática. Atente-se, a título de exemplo, às múltiplas páginas em branco distribuídas pelos doze capítulos destinadas a desenhos e rabiscos ou às instruções para construção de aparelhos tão antigos quanto um taumatrópio (p. 45). “Diz-me e eu esquecerei, mostra-me e eu lembrar-me-ei, deixa-me fazer e eu compreenderei” (trad. p. 10) é a filosofia que permanece transversal a todo o livro.

Na sua dimensão pedagógica não se englobam, porém, perspectivas históricas ou olhares críticos sobre o cinema de animação. Nesse sentido, o discurso permanentemente técnico e orientado para a aplicação prática distingue-o de outras obras cuja preocupação em descortinar as diferentes fases do processo de criação, planeamento e realização de um filme de animação também marcam presença. A este respeito, considere-se, apenas a título de exemplo, a extensa obra de Richard Williams, *The Animator's Survival Kit* (2001), um compêndio de recomendações, regras, truques, magnificamente ilustrados e acompanhados por referências históricas, ou *The Fundamentals of Animation* (2006) da autoria de Paul Wells, um guia técnico apoiado por contextualizações, histórias e exemplos clássicos e contemporâneos do cinema de animação. Com base nos exemplos supramencionados, reconhece-se no manual de Engler um escasso sustento de enquadramentos históricos, o que, em contrapartida, não revela uma lacuna mas, pelo contrário, através das breves menções a animadores, filmes, livros, teorias e por aí adiante, abre portas à curiosidade e consequente procura de conhecimento. Tal particularidade é desde logo evidente na viagem de descoberta, que o leitor é convidado a efectuar, através da descrição dos princípios do movimento até à criação de emoção, a começar pelo título do livro, *From Motion to Emotion*.

A este propósito, será interessante recuar na cronologia da imagem animada a fim de melhor compreender o vínculo entre o movimento e a emoção, sobre o qual Robi Engler tece observações quando envereda pela caracterização e animação de personagens, reforçando acerca desta última que nela não estão somente envolvidas forças físicas justificativas do movimento dos corpos, mas estados psicológicos (p. 180). Existe, neste contexto, uma associação implícita entre a animação do final do século XIX, que se baseava, de

modo sucinto, na ilusão de movimento, e a animação realizada na primeira metade do século XX, que expande as suas potencialidades criativas e delas desabrocha a ilusão da vida. Animadores como Émile Cohl ou Winsor McCay estão na base de um processo técnico e criativo aperfeiçoado durante décadas que culminou na longa-metragem de animação *Snow White and the Seven Dwarfs* (*A Branca de Neve e os Sete Anões*, 1937) de Walt Disney e inaugurou assim a ilusão da vida. A ilusão da vida vive, salvo o pleonasma, nas personagens, nos seus pensamentos e nas suas emoções, como postulado por Frank Thomas e Ollie Johnston.<sup>1</sup> Nessa acepção, as anotações de Robi Engler sobre o movimento com significado, aquele que encontra motivação nos pensamentos, sentimentos ou emoções das personagens (p. 152), assim como, e desde logo, na consciência do título do seu livro, tornam presente a herança histórica do cinema de animação. Reforce-se uma vez mais que o autor mantém um discurso direcionado maioritariamente para metodologias de planeamento, criação e realização, mas nas pequenas referências reconhece-se uma atenta consciência histórica, cultural, política e social.

Em tom de conclusão, regressando à dimensão pedagógica do livro e entrelaçando-a a esta consciência sociopolítica subentendida, no capítulo final, mais especificamente num subcapítulo escrito por Nicole Salomon, co-fundadora do Festival de Annecy, pode ler-se:

Os filmes de animação são também um meio maravilhoso de expressão, usando formas, ritmo, tempo e movimento todos ao mesmo tempo. [...] Os filmes de animação, basicamente os não-verbais, são uma forma privilegiada de comunicação. Em períodos em que todos falam sobre aproximar as pessoas e em que as fronteiras nacionais estão a desaparecer, é importante comunicar diretamente sem a desvantagem de uma barreira linguística. (trad. p. 286)

Nas palavras de Salomon ecoa uma consciencialização acerca do potencial do cinema de animação no que respeita à demolição de barreiras comunicacionais mas sobretudo sociais. Desde a época da Segunda Grande Guerra (1939-1945), como refere o historiador Giannalberto Bendazzi,<sup>2</sup> que a animação teve a capacidade de influenciar sentimentos, gostos e se tornou um poderoso meio de resistência, assim como de propaganda política. Num momento em que o mundo se vê refém de discursos de violência e incentivo ao ódio, é urgente ensinar a empatia e o respeito pelo próximo. A animação poderá ser, de

facto, um dos possíveis caminhos. O manual de Robi Engler não pretende enveredar por tais temáticas, porém, ao promover a procura do conhecimento através de uma série de referências camufladas pelo discurso técnico, e ao encorajar à discussão crítica através das breves mas incisivas notas nos capítulos introdutório e final, o autor foi além dos objetivos a que se propôs.

---

1. Frank Thomas e Ollie Johnston, *The Illusion of Life: Disney Animation* (Nova Iorque: Abbeville Press, 1981).

2. Giannalberto Bendazzi, *Animation: A World History. Volume I: Foundations - The Golden Age* (Boca Raton, FL: CRC Press, 2016).